

APRESENTAÇÃO

O importante, é repensar o conhecimento científico em toda a sua diversidade à luz das suas possíveis relações com outros saberes não científicos que orientam a vida quotidiana das pessoas.

Boaventura de Sousa Santos

A precariedade da vida nos impõe uma obrigação, a de nos perguntarmos em que condições é possível apreender uma vida, e em que outras é menos possível e, até mesmo, impossível.

Judith Butler

O poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos — o seu corpo, penetrando na vida cotidiana.

Michel Foucault

Por que é preciso falar de ética em Ciências Humanas? Os três autores citados em epígrafe nos oferecem uma resposta: porque as éticas puramente racionais não são sensíveis ao toque, ao que é vivo, enfim, à fome.

Falar em linguística aplicada poderia ser, em primeiro lugar, falar desses saberes que afetam diretamente nossos corpos, nossa vida cotidiana, as formas como lidamos com nosso desamparo estrutural. Diante da precariedade da vida, das diversas formas de vida, e das enormes desigualdades de condições de sua sobrevivência, a ética proposta por Foucault é uma ética do desconforto, do que desloca nosso senso de identidade, nossos preconceitos, ideologias e preferências estéticas... e nos impõe obrigações.

A acreditarmos nas palavras de Michel Foucault, se o poder constitui o jogo, também constitui a saída. Nesse caso, o limite não se confunde com o intransponível. Eis o gesto que precisa ser sempre repetido: transgredir. E é preciso também falar daqueles que ousam, e das formas como o fazem, sempre recomeçando.

“Quem pode aprender inglês?” Have you ever been to a Zara store? São duas perguntas que têm lugar no trabalho de Gabriel Nascimento dos Santos, da Universidade de São Paulo, e Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade, da Universidade de Brasília. A primeira pergunta é o <http://dx.doi.org/10.1590/010318135683198261>

incipit que dá o tom ao artigo *O ensino de língua inglesa e a identidade de classe social: alguns apontamentos*, e ressonância a outras indagações: Quem pode falar? Que vozes podem ser ouvidas? Que vidas são passíveis de luto? A pergunta em inglês dá título a um texto de um livro didático, e interpela o leitor consumidor que deveria conhecer a loja. Eis o discurso publicitário trabalhando para a construção de identidades de classe social de quem pode falar inglês, de corpos que podem ser vestidos pela marca. Para os autores, essa narrativa naturaliza a passagem do mundo do consumo para o livro didático, e esse aspecto publicitário se mascara sob o pretexto de apresentar aspectos linguísticos do inglês.

No artigo *Conceitos da identidade surda no discurso midiático sobre a inclusão educativa na Alemanha*, Romana Castro Zambrano e Cleide Emília Faye Pedrosa, ambas da Universidade Federal de Sergipe (UFS) problematizam o (não)lugar da identidade linguística dos surdos na história da educação alemã. Acentuando o papel da linguagem em uso na construção de uma identidade individual vinculada a uma identidade coletiva, mostram que estereótipos e preconceitos são adquiridos via socialização e se (re)produzem e modificam discursivamente. Assim, o que se constrói na mídia não é *uma*, mas *várias* identidades surdas, com contradições e incompatibilidades: surdos como pessoas com deficiência; surdos incluíveis ou não, porque usam outra língua; e mesmo surdos-mudos, expondo a discriminação e a ignorância. O que a análise revela, afinal, é que no discurso midiático alemão, de importância nacional, a identidade surda tende a ser dissolvida, e mesmo ignorada.

Ê pa no sêbê ya lung'le ê bilête no "Ê para gente saber que o lung'le é nossa carteira de identidade", palavras da canção de Frutuoso dos Santos Luís Fernandes, o Tuta, que apresentam o trabalho de Ana Lívia dos Santos Agostinho, da Universidade Federal de Santa Catarina, Manuele Bandeira de Andrade Lima e Gabriel Antunes de Araujo, ambos da Universidade de São Paulo. O objetivo principal de *O lung'le na educação escolar de São Tomé e Príncipe* é tratar de questões referentes a ensino do lung'le e identidade linguística nas escolas do Príncipe. Essa língua crioula de base portuguesa vem sendo ensinada por principenses não treinados para a tarefa e sem apoio de material didático. Contudo, essas aulas, programas de rádio e o encontro semanal *Palixa na lung'le* 'Conversar em lung'le' vêm reforçando o vínculo entre a língua e a identidade cultural, e essa promoção nas escolas e na mídia como língua nacional pode vir a eliminar o risco de extinção.

Quando se busca aprender uma língua estrangeira o maior desafio é distanciar-se da língua materna, evitar que ela interfira no alcance do ideal de falar como um "nativo". Em *Errores de transferencia en comunidades de aprendizaje en línea por aprendientes de español como lengua extranjera (ELE)*, Jessica Elejalde Gómez e Anita Ferreira Cabrera, ambas da Universidad de Concepción, Chile, reconhecem o erro como parte do processo de aprendizagem *online* do inglês e do alemão, sem interferência de instrução formal. Essa comunicação colaborativa permite a prática de línguas estrangeiras no contexto de aprendizagem, e o trabalho com os erros de forma positiva.

Incorporando temas da Sociologia e da Antropologia, Ana Liza Bugnone e Verónica Cecilia Capasso, ambas da Universidad Nacional de La Plata, Argentina, enfatizam a

necessidade do vínculo interculturalidade-educação. Em suas *Reflexiones y aportes para pensar la cultura en la enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras* acentua-se o tratamento da língua como práxis construída socialmente. A relação língua-cultura (espanhol e português) apresenta-se como possibilidade de convivência democrática, de abertura ao outro. Nas aulas, teóricas e práticas, valem-se de bibliografia brasileira, de vídeos e outros recursos visuais que ofereçam aos professores estudos sobre as relações étnicas e bases raciais da identificação de negros e índios, em textos oficiais (Censo do IBGE, por exemplo) e literários.

Outra forma de lidar com o estrangeiro, garantir sua continuidade de vida, é o que encontramos na benjaminiana tarefa do tradutor. Uma relação mais delicada, certamente, quando se trata de obras literárias, como nos traz o trabalho de Lenita Rimoli Esteves, da Universidade de São Paulo. Em *Uma discussão sobre a prática das retraduições de obras de Clarice Lispector no exterior*, a autora se interroga sobre a real necessidade das retraduições. O cotejo de *A hora da estrela* ([1977] 1988), sua tradução *The hour of the star* por Giovanni Pontiero (1992) e sua retradução por Benjamin Moser (2011), mostra diferenças entre as traduções, mas, além dessas diferenças, outras necessidades parecem ter falado mais alto: as novas condições de trabalho e a *persona* do retradutor que, afinal, deu à escritora maior visibilidade.

Um olhar rizomático sobre o conceito de letramento digital discute a incorporação de recursos do mundo digital aos grupos sociais, o que exige, para as práticas de leitura e escrita, novas formas de letramento. Para lidar com esses novos fenômenos híbridos, heterogêneos, múltiplos e fugazes, Flavia Girardo Botelho Borges, da Universidade Federal de Mato Grosso, propõe uma abordagem desse letramento a partir do conceito deleuziano de rizoma. Essas novas práticas, à medida que vão sendo incorporadas, redesenham-se, conectam-se e reconectam-se, ampliando-se, sem que precisem obedecer a um padrão hierárquico, ao modelo da árvore do conhecimento.

O normativismo linguístico vigora nas redes sociais digitais! Eis uma constatação que deveria surpreender, principalmente quando se constata que o fenômeno raramente é tomado como objeto de estudo. *Normativismo linguístico em redes sociais digitais: uma análise da fanpage Língua Portuguesa no facebook* colhe algumas respostas encontradas nessas práticas discursivas voltadas para a “defesa” da língua portuguesa. Benedito Gomes Bezerra, da Universidade de Pernambuco e da Universidade Católica de Pernambuco, e Renato Lira Pimentel, da Universidade Federal de Pernambuco, mostram como essa *fanpage* mantém e reforça velhas concepções de língua e linguagem alinhadas com a tradição gramatical. Os autores alertam para a urgência de pesquisas fundamentadas em concepções de língua/linguagem adequadas e refletem sobre as implicações desse normativismo linguístico para o ensino de língua.

Como a escrita se presta à transmissão da experiência vivida em sala de aula? Essa é uma das perguntas a que o trabalho de Thomas Massao Fairchild, da Universidade Federal do Pará, busca responder. *A constituição do dado em escritos sobre a prática de ensino de língua: análise discursiva de relatórios e artigos*, defende o papel constitutivo da escrita na formação do professor. Analisando a escrita de estagiários, o autor depara textos que revelam falta de informações e de um registro concreto a respeito da aula, conclusões apresentadas de forma sumária, sem

evidências que as sustentem ou permitam que sejam discutidas. Resulta do material trazido o dever de insistir na promoção de uma escrita que permita que essas vozes possam efetivamente transmitir o que emerge de suas práticas.

Indícios de autoria na produção de resenhas de estudantes de ensino médio observa a produção textual dos alunos a partir da perspectiva sociointeracionista, que busca, na voz desses alunos, os saberes adquiridos ao longo de suas vidas e na escola. Para Maria Marta Furlanetto, da Universidade do Sul de Santa Catarina, e Vinicius Valença Ribeiro, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, **o gênero resenha vem se mostrando bastante atrativo para os alunos** e, nas aulas de leitura, emergem questões a respeito desse gênero que os levam a refletir também sobre a argumentação. O trato da linguagem a partir de um entendimento dialógico conduz professor e aluno a um nivelamento de posições – não uma tentativa de fazer coincidirem opiniões e valores, mas um poder dizer de cada parte. Se não há consenso absoluto, é preciso, mais ainda, que haja a dialogização da vida.

O artigo *Leitura: existe alguma correlação entre distorção temática e memória?* de Onici Claro Flôres, da Universidade de Santa Cruz do Sul, tem como tema a relevância da inter-relação necessária entre processamento da leitura e memória para o ensino-aprendizado de leitura. O problema trazido para discussão é a distorção temática, que seria determinada pelas falsas memórias. A questão que se levanta é: o que acontece quando alguém diz ter lido em um texto, que outros colegas também leram, informações que esses outros leitores não concordam que constem no texto em pauta? Para a autora, embora não se possam estabelecer em definitivo limites para a interpretação, é preciso considerar que a inter-relação entre memória individual, social e discursiva é imprescindível e não opcional.

Em *Conceptualizações metafóricas da aprendizagem de línguas de estudantes de inglês como língua estrangeira*, Miguel Farías, da Universidad de Santiago de Chile e Leonardo Véliz, da Deakin University, Austrália, trabalham uma noção de metáfora que se descola do estritamente linguístico e amplia seu campo fazendo uso de outros recursos semióticos como imagens, gestos e som. A partir de um olhar multimodal a análise permite uma apreensão da forma como a aprendizagem do inglês como língua estrangeira é metaforicamente conceituada pelos alunos. Os resultados indicam que a maioria das representações mostra essa aprendizagem como um processo individual de aquisição, que pode ser ampliado em estudos posteriores.

Apostemos no ensino como política para criar outros mundos possíveis!

Boa leitura!

Viviane Veras – Editor
Daniela Palma – Editor